

Série Vaga-Lume



O GRITO DO HIP HOP

Luiz Puntel e Fátima Chaguri

Ilustrações

Libero

ea

editora ática

O grito do hip hop
© Luiz Puntel e Fátima Chaguri, 2003

Editor	Fernando Paixão
Editora	Carmen Lucia Campos
Editor assistente	Fabio Weintraub
Preparador	Aginaldo Holanda
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Alessandra Miranda de Sá

ARTE	
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Flavio Peralta (Estúdio O.L.M.)
	Claudemir Camargo
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P984g

Puntel, Luiz
O grito do *hip hop* / Luiz Puntel e Fátima Chaguri ;
ilustrações Libero. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2004.
144p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-09165-2

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Oliveira, Fátima Chaguri. II. Libero. III. Título. IV. Série.

10-0523. CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 09165-2 (aluno)

CL: 731180

CAE: 222677

2017

1ª edição

11ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Deixar a marca, soltar a voz

A vida movida a spray: driblar os gambês, escalar os muros mais altos e, com tinta e adrenalina, assinar a cidade. A marca espalhada por vastos espaços.

Nesse pique corre o dia de Toninho, jovem pichador de uma das comunidades mais pobres de São Paulo. Na companhia de Gera e Beó, seus parceiros no picho, vai experimentando essas rápidas alegrias em meio a um cotidiano de muita violência e privação. Passagem pela polícia, perda de emprego, morte de amigos próximos... Tudo isso Toninho há de sofrer nas páginas que se seguem. Acontecimentos traumáticos que, no entanto, despertarão nele a consciência de um destino ligado ao de sua comunidade, a gente negra e pobre da periferia.

Para tanto vai ser fundamental seu encontro com a galera do hip hop: grafiteiros, rappers, o pessoal do núcleo Orumilá (de que sua mãe participa), as lições de Helião, líder local, e de Aline, monitora de jovens por quem Toninho se apaixona.

Com a ajuda desses amigos, nosso herói deixará o picho pelo grafite, identificando na arte um poderoso instrumento para a denúncia da injustiça. Isso, é claro, desde que ela não se limite ao mero desabafo, mas revele também uma visão consistente dos problemas sociais e uma vontade clara de mudar a realidade. Deixar a marca e soltar a voz, sim, como fazem os rappers periferia afora, mas com ideias e propostas, para que o grito não se perca em meio à balbúrdia geral.

Conhecendo

Luiz Puntel e Fátima Chaguri

Luiz Puntel mora em Ribeirão Preto (SP). Ele é formado em Letras e autor de livros da série *Vaga-Lume*, entre os quais *Meninos sem pátria*, *Açúcar amargo*, *Tráfico de anjos* e *Missão no Oriente*.

Fátima nasceu e viveu em Ribeirão Preto onde se formou em Letras e trabalhou como professora.

Foi através da convivência com os alunos, da prática de sala de aula, da preparação de material, da troca do dia a dia, que nasceu o desejo de colocar no papel suas experiências de professores, e o fruto desse trabalho se traduziu numa

coleção de livros didáticos.

A parceria deu tão certo que resolveram lançar um livro na área da ficção juvenil. O livro que vocês lerão é o resultado desse projeto e resulta não apenas do diálogo entre os autores, mas também de muitas horas em *shows de rap*, muita conversa com os moradores da periferia de São Paulo e atenção para os problemas que eles enfrentaram diariamente. O impacto dessa experiência é o que você vai conferir agora, ao longo das próximas páginas. Fátima faleceu em 2008.



Foto: arquivo pessoal

Sumário

<i>A periferia vive</i>	9
1. <i>Um “picho” na madrugada</i>	13
2. <i>É tudo o cinza da periferia</i>	17
3. <i>Que cara de palhaço é essa?</i>	21
4. <i>Mais um que “foi pro saco”</i>	25
5. <i>Polícia ou bandido?</i>	29
6. <i>Falo e acabou, tá ligado?</i>	34
7. <i>Não mete o nariz na vida dos outros</i>	38
8. <i>Eu disse que ia dar B.O.</i>	43
9. <i>Antônio Clodoaldo, venha cá!</i>	51
10. <i>Por que você não fala do Zumbi dos Palmares?</i>	56
11. <i>Só este quilinho de sal?</i>	60
12. <i>É nós: o grito do hip hop</i>	66
13. <i>Consciência até no nome</i>	71
14. <i>Uma amizade selada</i>	74
15. <i>O picho na base</i>	78
16. <i>Beijo de língua</i>	85

<i>17. O que foi, mãe?</i>	<i>89</i>
<i>18. Com você eu assisto até dez vezes, bobinho!</i>	<i>92</i>
<i>19. Qual é a sua com o Betão, Aline?</i>	<i>96</i>
<i>20. Betão vive!</i>	<i>99</i>
<i>21. Nação hip hop</i>	<i>107</i>
<i>22. Favela e estética</i>	<i>110</i>
<i>23. Voz da periferia</i>	<i>112</i>
<i>24. Celebrando a vida</i>	<i>117</i>
<i>25. O momento de abracadabra</i>	<i>122</i>
<i>26. Um grafite de amor</i>	<i>126</i>
<i>27. Você devia ser homem, cara!</i>	<i>129</i>
<i>28. Arte mexe com a gente, mano!</i>	<i>135</i>

Um salve!

Um salve ao Lélis Caldeira, mano querido, companheiro da hora, o primeiro incentivador deste trabalho.

Um salve aos MCs Paulo Shetara, mano de atitude, e ao Ysak, mano de proceder; ao Tom, arte-educador, grafiteiro sangue-bom.

O agradecimento por nos iniciarem no momento de abracadabra, ou seja, por nos terem aberto o maravilhoso mundo da cultura popular hip hop.

Um salve ao Paulo e à dona Neide, modelos de solidariedade e compromisso com a cultura negra na periferia.

Um salve à professora Chrystina Muniz e ao mestre Kapetinha, nossos cicerones na zona sul de São Paulo.

Um salve aos 111 manos assassinados no Carandiru, e a todos os mortos em chacinas, nos acertos de conta fratricidas ou nos enfrentamentos policiais. Paz!

Um salve aos manos que cumprem pena nas febens, delegacias e penitenciárias.

À maioria foram negados os direitos de qualquer cidadão: escola, moradia condizente, oportunidade de emprego etc.

Um salve a todos os manos e minas do Brasil, que nos ensinaram que comunidade não é apenas um conceito livresco, mas sim a rima da vida.

É nós!

A PERIFERIA VIVE

*Nós não somos a parte do povo que cala,
nós somos a fala da parte calada do povo.*
(Poeta Urbano – MH₂O – CE)

Casas sem reboco, barracos dependurados nos morros, esgoto a céu aberto, milhares de crianças sem escola, tráfico de drogas, violência generalizada, exploração do trabalho infantil, subemprego, ônibus lotados, chacinas, invasões policiais.

Esse é o retrato cinzento do Capão Redondo, Jardim Ângela, Jardim São Luiz e de tantos outros bairros da imensa periferia da zona sul, norte, leste e oeste de São Paulo. Nada diferente das periferias nas demais cidades brasileiras.

Nesse mesmo cenário de carência e miséria, encontram-se mães comprometidas com a educação de seus filhos, pais trabalhadores, crianças soltando papagaios, rádios comunitárias, grupos musicais, expressões religiosas e culturais, a solidariedade das organizações não governamentais, atuação de educadores populares em centros culturais, oásis de liberdade e conscientização de um povo oprimido. E, entre as manifestações culturais, o movimento hip hop. Esse é o tema deste livro.

Vítimas dos constantes descasos governamentais, aos moradores da periferia resta apenas uma saída: confiar em suas próprias forças, ou seja, buscar dentro deles mesmos, dentro de suas afirmações culturais, a saída para seus gritantes problemas sociais.

O movimento hip hop é uma dessas saídas. Reunindo manifestações culturais como o break, o rap e o grafite, ou seja, a dança, a música e a expressão visual, o hip hop é um movimento que nasceu da necessidade do povo de expressar sua arte.

E não se pode falar do hip hop sem citar nomes expressivos de sua liderança, como o lendário Nelson Triunfo, Thaíde, DJ Hum, Milton Salles, Rappin' Hood, MV Bill, GOG e grupos como Racionais MCs, SNJ, Facção Central, Da Guedes, Face da Morte, Consciência X Atual, Família Abracadabra e tantas outras famílias ou posses nas capitais e interior.

O movimento hip hop procura dar voz e vez a um povo que precisa de emprego, de escola, de hospitais, de moradia; enfim, de políticas públicas que evitem o ingresso dos jovens na criminalidade. Procura dar voz e vez não à parte do povo que cala, mas é justamente a fala da parte calada do povo.

Luiz Puntel e Fátima Chaguri

**O GRITO DO
HIP HOP**

1 **UM "PICHO" NA MADRUGADA**

— **S**ujou! Sujou! Vamo se mandar que os gambé tão na área! — gritou Betão, um dos quatro jovens que, sobre a marquise de um supermercado, pichavam na fachada do prédio a marca da turma: Os Encardidos.

Ele percebeu a aproximação da viatura policial, que avançava de faróis apagados, dobrando a esquina.

Acrescentando ação às palavras, deu um salto e, em dois segundos, já na calçada, pisava macio o chão da Estrada M'Boi Mirim, que atravessa o Jardim Ângela, zona sul da cidade de São Paulo. Na queda, seu inseparável boné caiu. Ele o apanhou, enterrando-o na cabeça, num gesto muito seu.

Gera, o segundo deles, pulou em seguida. Na vez de Beó, o terceiro a saltar, ele vacilou, com medo.

Toninho, que pularia por último, apressou-o, o coração acelerado.

— Pula logo, mano! Deixa de frescura!

— Eu falei que ia dar B.O., cara... Vamo vazar pelo telhado. — Seu medo congelava a cena, empatando a fuga dos companheiros.

— O Beó sempre atrapalha a gente. Eu vou é me mandar... — Betão, percebendo que Beó hesitava, não esperou mais nenhum segundo.

— Peraí, mano! Deixa de ser traíra! — Gera gritou, em tom de desespero.

Inútil pedir solidariedade. Betão saiu em desabalada carreira, entrou em uma das centenas de vielas e, ganhando a escuridão, desapareceu na madrugada.

Finalmente Beó pulou. Na queda, torceu o pé. Seu gemido foi encoberto pelo grito de um dos quatro policiais que desciam da viatura:

— Mão no coco, seus mané! — ele ordenou, enquanto o sargento gritava com Toninho:

— Pode descer, neguinho, que a casa já caiu.

Assim que pulou da marquise, Toninho quis ajudar Beó, mas levou um tapa de um dos policiais.

— Mão no coco também, anda!

— Então, os pivetes brincavam de embelezar a cidade, hein? — O sargento ironizou, cutucando com o cassetete o pé machucado de Beó. Toninho tentou negar, mas um dos policiais apanhou uma das latas de *spray* do chão e começou a esvaziá-la no rosto e na camisa do jovem.

— Era assim que você tava deixando sua marca lá em cima, seu pilantra? Toma! Toma!

O pé de Beó doía. Mas pior era a humilhação, a dor de ter sido pego em flagrante pelos policiais. Então ele ingenuamente suplicou, diante da violenta ação policial:

— Para com isso, moço!

Levou uma cacetada nas costas, nem soube de qual dos policiais. A dor fez com que perdesse a voz.

Outro policial algemava os meninos enquanto o sargento abria a porta de trás da viatura, empurrando-os com agressividade para dentro.

— Posso pegar o *skate*? — Gera ainda pediu, voz trêmula, apontando na direção do poste.

O policial deu uma irônica gargalhada, indo recolher o que acabava de ver.

— Meu filho vai adorar esse *skate*! — ele comentou com o colega.

— Não, por favor, seu polícia! Esse *skate* não é meu!... — Gera implorou, mas não adiantava. O policial já havia se apoderado dele.

Na viatura, o espaço era apertado. Fechada a porta, o veículo saiu em alta velocidade.

— Se os cara algemaram a gente, é porque vão ficar dando um rolê pela madrugada que nem fizeram com aque-